

CULTURA CORPORAL E LINGUAGEM: EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

Juliana Scarazzatto¹

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Corporal; Linguagem; Formação de Professores.

Este trabalho tem como objetivo compartilhar uma experiência de aprendizado no processo de formação de professores de Educação Física a partir da compreensão da área como uma construção histórica e cultural. Para me auxiliar na elaboração bem como na realização das aulas, tenho recorrido à Teoria da Enunciação que tem como principal autor Mikhail Bakhtin (2003, 2004) e também a alguns autores da Educação Física que têm como aporte teórico para suas obras os referenciais das Ciências Humanas (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BETTI *et al*, 2007; BRACHT, 2010).

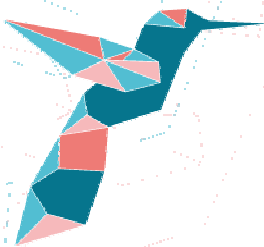
Desde o ano de 2006, atuo como professora num curso de Licenciatura em Educação Física, ministrando a disciplina Prática de Ensino. Essas aulas estão distribuídas ao longo do curso de graduação, que é composto por seis semestres. Do segundo ao sexto semestre do curso, os alunos dialogam com a especificidade do ofício de professor, bem como do papel da Educação Física na escola.

Durante esses anos, pude acompanhar algumas turmas desde seu ingresso até sua saída do curso. Nesse período, tenho tentado partilhar com os alunos formas de aprender e ensinar Educação Física que estão pautadas na compreensão dos sujeitos como seres históricos e sociais que são constituídos na dinâmica relacional. É nesse encontro entre professor e aluno que o conhecimento se reveste de novos sentidos, e provoca rupturas para avançarmos na direção dos conhecimentos que foram sistematizados pelos seres humanos ao longo da história.

Na dinâmica instituída na sala de aula, tenho “provocado” os alunos a pensarem sobre a Educação Física na escola, como um componente curricular que lida não apenas com formas de se movimentar mecanicamente. Tento deslocá-los para uma compreensão do seu campo de atuação profissional como “formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.38).

A aula de Prática de Ensino vai sendo tecida pelas dúvidas explicitadas verbalmente pelos alunos e também por trabalhos escritos que são entregues à professora na tentativa de organização de aulas que eles darão futuramente. Os alunos trabalham, inicialmente, na elaboração de planos de ensino. De acordo com Libâneo, o plano de ensino caracteriza-se como um “roteiro organizado em unidades didáticas” (LIBÂNEO, 2013, p.257). Nesse momento, pensamos na organização da disciplina ao longo do semestre ou do ano e os conteúdos e objetivos são mais “gerais”, apresentados em forma de tópicos. O passo posterior é planejarmos as aulas que serão dadas no dia a dia. Agora, os conteúdos e objetivos devem ser detalhados, esmiuçados. Projetamos a aula, a antecipamos como “memória de futuro” (BAKHTIN, 2003, p.163). É nesse momento que o professor visualiza o que acontecerá na aula daquele dia com a terceira série, por exemplo.

Ao analisar esse material que constitui as aulas de Prática de Ensino, ou seja, os enunciados verbais e escritos apresentados pelos alunos, deparo-me inicialmente com uma visão de Educação Física que espera desenvolver corpos saudáveis e atletas na escola. Objetivos tais como: “desenvolver a habilidade do passe no futebol” ou “ganhar condicionamento físico” são recorrentes quando os alunos começam a pensar sobre as aulas



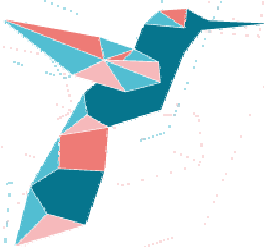
que darão quando estiverem atuando na escola. Não quero dizer aqui que os objetivos apresentados acima não possam compor os interesses da aula de Educação Física na escola, porém a intenção das aulas é fazer com que os alunos se desloquem para uma compreensão do gesto como eminentemente simbólico, porque construído na dinâmica cultural. É preciso se deslocar da visão do “movimento físico” para a visão do “gesto cultural”.

O aprendizado da Educação Física na escola sofre com um antigo embate entre teoria e prática, privilegiando a segunda em detrimento à primeira. Essa é uma construção recorrente na Educação Física Escolar, especialmente quando buscamos suporte nas teorias críticas. É preciso explicitar as relações entre teoria e prática presentes nas aulas de Educação Física, ou, como propõem (BETTI *et al*, 2007, p.50), “avançar de um fazer corporal para um saber sobre o movimentar-se do ser humano”. É necessário que os alunos apreendam os saberes implícitos no simples chutar de uma bola, mas também é essencial que eles compreendam os sentidos que revestem esse gesto. O chute em si, a alavanca utilizada para imprimir uma ação do pé sobre a bola, é desprovida de sentido. Quem confere sentido à ação são os sujeitos que chutam a bola em direção ao gol, na relação com outros sujeitos que torcem, que brigam, que incentivam, que criticam essa ação. É na relação entre aluno habilidoso e não habilidoso, entre professores e alunos socialmente organizados que as relações de conhecimento são constituídas. A aula é um acontecimento intersubjetivo em que o conhecimento não está nem no professor e nem no aluno, mas sim, no encontro entre eles. Cabe ao professor mediar os sentidos explicitados na dinâmica da aula e mobilizar a construção de novos sentidos.

A partir dessa visão, o gesto constitui-se como signo ideológico, porque criado por um grupo socialmente organizado. Ele transparece, constitui-se, banha-se no material social por sujeitos historicamente situados e socialmente organizados (SCARAZZATTO, 2013). O gesto ideologicamente constituído materializa-se no “terreno interindividual”, ou seja, no encontro entre sujeitos que dançam, que lutam, que brincam, que jogam, que praticam esportes, que fazem ginástica. A aula de Educação Física encarada como possibilidade de construção de sentidos, de signos ideológicos, caracteriza-se como um terreno fértil para a compreensão da realidade (BAKHTIN, 2004, p.35).

Ao estabelecer junto aos alunos possibilidades de ensino de Educação Física pautadas no encontro e diálogo entre teoria e prática, tenho apontado que a aula deve se estabelecer na fronteira entre essas duas dimensões. Ao traçarem os objetivos nos planos de ensino e de aula, insisto que eles devem contemplar as duas “faces” de um mesmo conhecimento. Entendo que a construção das destrezas motoras, das técnicas das modalidades esportivas, das ginásticas, das danças, das lutas, dos jogos é parte da aula e não o seu todo. Os professores podem escolher ensinar o atletismo, tendo como foco o rendimento físico e motor ou, ensinar essa mesma prática, fazendo com que o aluno possa discutir e compreender suas regras, sua construção histórica, suas implicações políticas, sociais e econômicas (BRACHT, 2010).

Creio que a Educação Física na escola, ainda carrega consigo a visão produtiva do esporte de alto rendimento. Por isso, os professores delegam aos seus alunos a tarefa de ganhar o jogo, correr mais rápido, saltar mais alto, ou seja, render mais como máquinas que trabalham com apenas um toque num botão. Creio que a questão que merece ser desenvolvida durante as aulas situa-se na compreensão do sujeito que joga, que dança, que luta, que faz ginástica ou que pratica esporte e os sentidos que estão implicados nessas ações. Mediada pelas ideias de Magnani (2001), penso ser importante mudarmos a pergunta “para que servem?” as práticas corporais para “o que significam?” essas práticas para os sujeitos envolvidos nessas ações. O que significa para um atleta quebrar um recorde mundial? O que significa para um aluno compreender o uso do *doping* no esporte de rendimento? Ao



planejarem as aulas os alunos são provocados a pensar: o que seus alunos aprenderão ao final dessa aula? Eles saberão arremessar a bola à cesta de forma precisa no jogo de basquetebol? Eles saberão que os pontos feitos nesse mesmo jogo podem valer um, dois ou três pontos? Saberão, por exemplo, qual é a influência da mídia na mudança de regras de alguns esportes? Formular perguntas para nortear suas ações tem sido uma prática recorrente durante as aulas. Não basta apenas estabelecer metas que não promovam reflexão acerca das práticas corporais. Não basta planejarmos vencer o jogo. É necessário cotejarmos os sentidos impressos no ganhar e no perder, no aprender e no ensinar Educação Física.

Que sentidos os elementos da Cultura Corporal podem ganhar na aula? Como os conhecimentos são apropriados pelos estudantes nas relações de ensino tendo em vista a apreensão do gesto como linguagem? Que signos compõem a compreensão de meus alunos sobre a Educação Física e as práticas corporais? Perguntas como essas me aproximam das ideias de Bakhtin (2004, p. 41), acerca da construção do “gesto significativo”, tecido por fios ideológicos, que se trançam na trama social. Olhar para a dinâmica da aula sem se ater aos sentidos que circulam durante ela implica separar os fios do tecido social, desconsiderando as relações entre o “eu” e o “outro” que compõem esse processo.

Ao analisar a aula como relação intersubjetiva, eu e meus alunos nos transformamos não só nos modos de pensar, elaborar e realizar as aulas, mas também nas formas como pensamos e enxergamos o mundo. Entendemos que o ensino é uma via de mão dupla em que professores e alunos se imiscuem de forma irreversível. Atentar aos sentidos da aula é tarefa primordial na atividade docente. No movimento de ida e volta, no ato de aprender e ensinar nos tornamos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BETTI, Mauro *et al.* Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 28, n. 2, Jul. 2008. ISSN 2179-3255. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/54>>. Acesso em: 08 Mar. 2015.
- BRACHT, Valter. A educação física no ensino fundamental. **I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspetivas atuais**. Belo Horizonte, 2010. Anais eletrônicos... Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110&Itemid=936. Acesso em 08 Mar. 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAGNANI, J. G. C. Antropologia e educação física. In: CARVALHO, Yara Maria de; RÚBIO, Kátia Org(s). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.17-26.
- SCARAZZATTO, Juliana. **Educação física e cultura corporal: sentidos em circulação e elaboração nas aulas de Prática de Ensino**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

¹ Doutoranda em Educação, UniAnchieta – Centro Universitário Padre Anchieta, jscarazzatto@hotmail.com